

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR  
CAMPUS DE JI-PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – DEINTER**



**Criança Gavião Ikolen na aldeia Ikolem. Fonte: Isidoro, 2008.**

O processo de aquisição da língua escrita na escola indígena *Gavião-Ikolen*: Um estudo a partir da análise dos cadernos das crianças indígenas

**Claudinie Xirxiarhv Gavião**

**ORIENTADORA**

Profa. Dra Vanubia Sampaio dos Santos Lopes.

Ji-Paraná/RO  
Julho de 2016 - 2022

Em memória do nosso cacique que nos deixou recentemente.

Catarino Sebirop Gavião



Catarino Sebirop, aldeia Ikolem. Fonte: Isidoro, 2008.

## **AGRADECIMENTOS**

Às escolas da Aldeia Ikolen e Castanheira

Ao meu povo Ikolen

A minha família e meus filhos

A todas as crianças indígenas Gavião – Ikolen

Aos professores do Intercultural

Ao PIBIC

Ao Zacarias Gavião e a professora Josélia

A minha orientadora professora Vanubia.

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa diz respeito ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no âmbito do DEINTER. O objetivo principal foi “investigar como ocorre o processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita na escola indígena Gavião-Ikolen a partir da análise dos cadernos das crianças. Este estudo é um desdobramento do projeto de pesquisa PIBIC UNIR (ciclo de 2015/2016) intitulado<sup>1</sup>: Alfabetização Intercultural: a aquisição da língua escrita pelas crianças indígenas Zoró – Pagyjej e Gavião-Ikolen que se desdobrou no Plano de Trabalho: “O processo de aquisição da língua escrita na escola indígena Gavião-Ikolen: Um estudo a partir da análise dos cadernos das crianças indígenas” desenvolvido de agosto de 2015 a julho de 2016. Fui orientando da professora Vanúbia.

Só agora pude defender meu TCC, tive que ficar um tempo sem estudar porque passei dificuldades, com minha filha Aradna Gavião e tive alguns problemas pessoais.

## **II – METODOLOGIA DO ESTUDO**

A metodologia utilizada envolveu a realização de pesquisa qualitativa a partir das etapas: bibliográfica e de campo com a realização de pesquisa documental, no período agosto de 2015 a julho de 2016. O referencial bibliográfico envolveu as contribuições teóricas de Lira; Weigel; Marreiro (2015), Neves (2009), Suruí (2015), Weisz (1988). O trabalho de campo envolveu a coleta dos cadernos escolares das crianças indígenas, para essa pesquisa documental analisamos cadernos escolares com base nas contribuições de Viñao (2008), e Mignot (2009) ao observar que “os cadernos escolares das crianças são fontes de inúmeras informações, [...] mesmo tempo um objeto (fonte) de investigação [...] nos dão pistas de diversas questões de ordem pedagógica”, [...] as marcas da aprendizagem e do exercício da escrita [...]”.

## **II- MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA: TRAJETÓRIA DE VIDA ACADÊMICA E PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR INDÍGENA GAVIÃO IKOLEM**

---

<sup>1</sup> O referido projeto está vinculado à Linha de Pesquisa “Alfabetização & Cultura Escrita” do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia – (GPEA) da UNIR – Campus de Ji-Paraná.



Arquivo do pesquisador.

## **CLAUDINEI XIRXIRAV GAVIÃO**

Sou **CLAUDINEI XIRXIRAV GAVIÃO**, moro na aldeia Igarapé Lourdes, município de Jiparaná. Minha trajetória na educação escolar iniciou quando tinha por volta de 10 a 11 anos de idade. Fui alfabetizado pelos professores que eram contratados pela FUNAI na época. Só depois quando comecei a estudar com missionários que passei a conhecer a letra da nossa língua materna, até então não conhecia a escrita da nossa língua, aí comecei estudar na língua materna na cartilha que era traduzida pelo missionário na aldeia, ensinava primeiro as famílias silábicas, depois pequenas frases e o alfabeto Gavião.

Nessa época os missionários estavam ensinando na língua materna, estava sendo produzida as cartilhas de alfabetização na língua e meu pai ajudava na tradução da língua Ikolen. Fui alfabetizado na língua portuguesa pelo professor Adilson (técnico da FUNAI) na mesma aldeia na escola Xinepoabah, naquela época os professores eram maioria leigos, não precisava de formação para lecionar na aldeia para alunos indígenas. Ele lecionava na língua portuguesa. Não tinha nenhum conhecimento da nossa língua.

As instruções dada pelo professor era em português, Adilson ficou poucos dias na aldeia, na época eu não sabia falar, escrever e nem ler em português, pois eu não entendia essa língua, não era minha língua materna. Dificuldades de entender o que professor falava e ensinava na escrita da língua portuguesa, muitas vezes o professor me castigava quando eu não fazia minha atividade (tinha muito medo de ir pra escola) não fazia a tarefa em razão de não entender a língua portuguesa, possuía essa limitação e o professor não entendia ou não queria entender, penso. As atividades de alfabetização eram tradicional, de cobrir pontilhados, muitas atividades de cópias do alfabeto no quadro/caderno muito repetitivas. Na época quem estava comigo era o Daniel, Zacarias, Amarildo e Adão, todos tinham a mesma dificuldade.

É importante destacar que os primeiros indígenas do nosso povo a aprender a escrever foi Catarino, Antonio, Tapa, Chambete e Alberto que foram os que concluíram a tradução do livro na língua materna juntamente com os missionários.

Quando apresentava dificuldades o professor não gostava, falava que não sabia ler e escrever, achava que não queríamos aprender, e colocava-nos de castigo, palmatoria, batia na nossas mãos, aquele professor não tinha nenhuma relação com os indígenas, pouco envolvimento, lembro muito dos castigo dele, lembro do castigo que ele fez com o Daniel também, ele nos ajoelhava e colocava cabo de vassoura no chão e me batia em nossas mãos puxava nossa orelha na sala de aula e me colocava com os braços para trás segurando o cabo da vassoura, batia na minha cabeça (muitos tapas) quando não conseguíamos fazer as atividades. Esse professor ficou pouco tempo na escola. Ele não quis trabalhar, reclamava da aldeia dizendo que era muito distante, tinha muito mosquito, nessa época eles iam para a aldeia de barco subindo o rio machado para chegar até o Igarapé Lourdes, não tinha estrada aberta para o acesso via terrestre.

Depois de um mês a FUNAI contratou a professora que veio substituí-lo, se chamava Noeli veio de Porto Velho, era muito brava, ela me ensinava as primeiras palavras, complete, formação de palavra, pequeno textos, separação de palavras, foi assim que comecei aprender a escrever um pouco, escrever na língua portuguesa, ler e conhecer as letras e fazer atividades, ela utilizava uma cartilha de alfabetização na língua portuguesa não lembro o nome. Essa professora também ficou pouco tempo na nossa aldeia, havia muito troca (rotatividade na escola de professores) eles não queriam lecionar para nós indígenas.

Quando ela foi embora a FUNAI contratou outro professor chamado Alfredo, ele era Peruano, falava diferente, ele tentava falar mais próximo da língua portuguesa mas não conseguia, sentimos mais dificuldades ainda, por ser de outro e não falava o português fluentemente, ficou mais complicado para entender a língua portuguesa. Este professor não castigava, mas também não ficou por muito tempo. A FUNAI transferiu esse professor para a escolinha da aldeia Serra Providencia, não era uma escola, o que existia era somente uma casa coberta de palha, e nós ficamos sem professor por algum tempo, somente depois ele retornou para a escola da aldeia Igarapé Lourdes. Nessa mesma época fui convidado para dar aula lá na escola improvisada da Serra Providencia, porém recebi um comunicado da professora Ligia da FUNAI que fez um convite para eu participar do curso de formação de professores do Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMÁ), em Vilhena no ano de 1992.

Foi a primeira vez que eu saí da aldeia, senti muito medo para participar do curso lá em Vilhena - IAMÁ<sup>2</sup>, (1993) a FUNAI escolheu uma pessoa para fazer curso, eu fui e participei do curso e a Ligia trabalhava na FUNAI foi junto com nós, foi escolhido um representante de cada etnia para fazer o curso. Na época eu não sabia a língua portuguesa e não compreendia, tinha minhas limitações e algumas dificuldades na comunicação, pois eu tinha que falar outro idioma, ou seja, a língua portuguesa, então fui, esse curso era referente a atuação como professor na escola indígena. Nessa época a formação e temas ligados a formação de professores eram todos feitos por ONGs. Não havia participação do estado, o poder público passou a se responsabilizar somente depois da década de 90.

Após participar da formação do IAMÁ no ano de 1992 na cidade de Vilhena, participei também em Cacoal, e em Ji-Paraná na Escola Agrícola atual IFRO, hoje. Nessas formações aprendi um pouco dos conhecimentos geográficos, eu não sabia bem a geografia e a história, aprendi muita coisa de aula de matemática, língua portuguesa e ciências, o curso teve duração de 30 dias. A Betty Mindlin foi minha professora.

De acordo com Neves (2009), o Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMÁ), foi a primeira instituição a desenvolver um programa de formação de professores, em 1992, que atendeu indígenas das etnias Gavião Ikólóéhj e Arara Karo. Nota-se que nessa data a educação escolar indígena já era de responsabilidade das secretarias de estado da educação. Contudo, em Rondônia ainda não havia a oferta de cursos pela Secretaria daquele Estado.

A pertinência da atuação do IAMÁ em Rondônia foi de fundamental importância porque justamente no ano de 1992, foi iniciado o processo de institucionalização da Educação Escolar Indígena em Rondônia a partir de uma série de publicações legais que visavam, sobretudo, promover a organização da estrutura e de seu funcionamento, além do fato de que logo após a formação, o ingresso em sala de aula foi realidade para alguns docentes. (NEVES, 2009, p. 268)

Em 1998, a comunidade da Terra Indígena Igarapé Lourdes testemunhou uma das conquistas para suas escolas a criação do Projeto Açaí por meio do Decreto Estadual Nº 8516, de 15 de outubro de 1998. O Curso de Formação de Professores Indígenas – Habilitação em Magistério em Nível Médio, organizado pela SEDUC – RO, tinha o objetivo de formar docentes leigos para a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas localizadas nas aldeias (VENERE, 2011, p. 80).

---

<sup>2</sup> Nessa época as ONGs eram responsáveis pelas formações desses professores, não eram governamentais.

O projeto teve início em 1998 e término em 2004, mas, apenas em 2006 é que o Conselho Estadual de Educação (CEE/RO) valida a formação recebida pelo Parecer N° 073/05. Diante das reivindicações das comunidades indígenas da região, em 2008 a Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) iniciou a formação da primeira turma de professores indígenas por meio do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, isso com recursos financeiros do Prolind, programa já abordado anteriormente neste trabalho.

No ano de 2000 fui convidado para dar aula na escola como professor, fui contratado como professor temporário. Fui lecionar na escola na aldeia Igarapé Lourdes. A minha perspectiva vejo como positiva, avalio que hoje a escola ajuda muita coisa nova e diferente realidade na minha cultura, porque temos diferente da realidade hoje nós vivemos no meio da sociedade não indígena e falamos e aprendemos duas coisas: português e nossa cultura.

Minha primeira vez em sala de aula como professor indígena, eu senti muita dificuldade, insegurança, não tínhamos apoio, não existia esse acompanhamento, senti tanta dificuldade, tipo abandonado. O que eu tinha como base era como eu fui alfabetizado e minha experiência nos projetos Iamá. Fui para a sala de aula como professor alfabetizar as crianças, eu utilizava a cartilha na língua materna dos missionários, a 1ª, 2ª, 3ª, 4ª, 5ª, 6ª série, assim como ele me alfabetizou na língua. Em sala de aula, trabalhava muito a formação das palavras na língua materna, com os animais, produção de texto, ensinava através das imagens e desenhos de animais e os nomes. Por exemplo o desenho do animal, e depois nome, perguntava para os alunos e escrevia seu nome abaixo da figura, a partir dessa atividade, fazia produção de pequeno texto, formação de outras palavras e outras.

Fui convidado a formação do projeto Açáí no ano de 2004 participei do curso lá no espaço do Centrex (JIPA), eu aprendi muita coisa do curso sobre matemática, geografia, ciências, história e língua portuguesa, depois eu participei do curso do Açáí em Porto Velho (Hotel Rondon), lá em Porto Velho eu estudei língua portuguesa, matemática, geografia, ciências e legislação.

Eu estava com muita dificuldade para aprender ler e escrever entender as palavras difícil, daí eu comecei aprender e entender que sobre a disciplina que o professor dava aula para nós no curso do Açáí, aí eu melhorei e terminei o curso do Açáí 2011 e depois que eu terminei o curso do Açáí, eu peguei meu diploma do curso eu continuei o trabalho em sala de aula e ensinando os alunos.

Após terminar o curso em nível médio fui selecionado no vestibular da Universidade Federal de Rondônia, Licenciatura Intercultural. Tentei por duas vezes e passei na terceira última seleção eu passei, sou a terceira turma a concluir o curso. Comecei na Universidade Federal de Rondônia, Campus de Ji-paraná, Departamento de Educação Intercultural. Para eu aprender melhor e ser formado, quando eu me formar eu vou ensinar os alunos da aldeia, hoje eu estudo na faculdade ajuda muitas coisa nova e ensinar, porque temos diferente realidade, porque hoje nós vivemos no meio da sociedade não indígena e falamos e aprendemos duas coisa português.

Os professores de diferentes áreas do curso lecionava disciplinas diferentes, e isso fez com que eu compreendesse o papel do professor indígena, e assim fomos aprendendo. Eu aprendi muita coisa do curso da faculdade como matemática, geografia, ciência, história, português e etc. Esse estudo que foi me melhorar, tirou minha dúvida para mim conhecer outra coisa nova e caminho novo. Para eu entender, pois antes eu não sabia, antes de fazer faculdade, eu não dava muito importância ao papel do professor. Os conhecimentos em relação a pratica do professor, a didática, como os alunos aprendem o conhecimento, como eu percebo esse estudante indígena Gavião. O papel do professor indígena é importante, porque ele aprendeu, ele compreendeu conhecimento pois passamos por uma formação e está preparado para ensinar, nós temos estatus de liderança, pois somos professores respeitados e temos muita experiência. O curso do projeto AÇAI e o Intercultural, foi muito importante na minha formação como professor indígena. Ensinar a partir das experiências vivenciadas no cotidianas das escolas indígenas, melhorar a pratica como professor indígena, aprender com as experiências do outros colegas, aprender e conhecer melhor.

## **I – ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL: O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA NAS ESCOLAS INDÍGENAS DA AMAZÔNIA**

O processo de aquisição da língua escrita nas escolas indígenas está relacionado à temática da Alfabetização Intercultural. Um assunto que vem sendo estudado desde a implantação da escola nas aldeias indígenas. Constitui um desdobramento da concepção de Educação Intercultural estabelecida na LDB 9.394 de 1996, nos aproximamos do entendimento de que:

[...] significa um processo formativo decorrente das relações biculturais ou multiculturais, envolvendo o estudo de duas ou mais línguas e as aprendizagens no campo da leitura e da escrita em uma perspectiva

dialógica, onde os elementos culturais de ambas precisam estar em um processo de permanente negociação com vistas a um possível equilíbrio e superação de assimetrias (NEVES, 2009, p. 183).

A Alfabetização Intercultural de que estamos referindo neste contexto é referente à leitura e escrita entre indígenas, que os saberes compartilhados em sala de aula nos remete uma grande aprendizagem intercultural, onde podemos observar e compreender a importância dos diferentes saberes para essa forma de aprender a ler e escrever:

É nosso intuito aprofundar cada vez mais, os conhecimentos sobre essa alfabetização, no sentido de compreender as possíveis implicações da cultura escrita em sociedades de tradição oral e, sobretudo, entender o papel dos sujeitos e suas interações com este objeto (NEVES, 2009, p. 183).

É importante ressaltar que dependendo do contexto é necessário que a alfabetização seja desenvolvida no uso de ambas as línguas, a materna e a portuguesa, levando em conta seus conhecimentos fundamentados nas práticas cotidianas adquiridos através de seus ancestrais e que esse processo educativo de aprendizagem contribua para a aproximação entre os saberes étnicos e os saberes escolares:

Ler e escrever não faz parte do dia-a-dia da aldeia, e nem figura no contexto das suas relações sociais. O que se pretende com a alfabetização é que os índios possam captar a linguagem verbal em português para melhor articulação no seu relacionamento e nas negociações com a sociedade do branco, da qual dependem e são solicitados (LADEIRA, 1981, *Apud* NEVES, 2009, p.185).

Este processo deve acontecer com o foco principal na língua materna, ou seja, no oralidade que é o ponto de partida da comunicação dos povos indígenas, e as atividades elaboradas devem enfatizar os conhecimentos existentes na oralidade, e também os diferentes modos culturais e sociais existentes naquele meio, de forma com que o educando perceba a importância do oral e da escrita dentro da interculturalidade:

[...] o documento enfatiza que as atividades propostas na alfabetização intercultural em contextos indígenas, devem levar em conta as diferentes finalidades sociais e culturais da linguagem escrita e oral: “[...] O aluno deve perceber o que é ler e escrever e quais são as funções sociais da escrita, estabelecendo uma relação efetiva com a mesma, tornando-a uma atividade significativa” (BRASIL, MEC, 1994, *Apud* NEVES, 2009, p. 204).

Alfabetização no contexto em que estamos falando deve acontecer em língua materna como uma forma de valorização, sentido e preservação da cultura oral daquele povo, para isso é importante ressaltar que deve haver textos na língua indígena com significados para quem está lendo, nesse sentido:

É importante lembrar ainda que alfabetizar em língua indígena em nada resulta quando não há textos significativos para serem lidos. Quando não há modelos para serem seguidos ou aperfeiçoados, é um esforço vão. É preciso que existam muitos textos, diversos, variados, circulando em língua indígena. Não podem ser só textos escolares. É indispensável estabelecer funcionalidades para a língua escrita. É preciso que existam muitos textos para a comunidade - científicos, literários, informativos - que sirvam para alguma coisa. Que sirvam para veicular idéias as mais diferentes, idéias de renovação e de tradição. E, naturalmente, é necessário que existam escritores de textos e estes escritores só poderão ser os próprios índios (OLIVEIRA, 1999, *Apud* NEVES, 2009, p. 204).

Assim, o processo de Alfabetização Intercultural na perspectiva de Neves (2009) que documentou a experiência de cultura escrita junto ao Povo Arara e Gavião nos mostra que esta iniciativa é impulsionada pela Constituição de 1988. Inicialmente a escolarização começa com os missionários que, como já sabiam falar a língua indígena, alfabetizavam a partir dela. Depois pesquisadores e até funcionários da Fundação Nacional do Índio-FUNAI assumem esta tarefa.

O material didático utilizado era o mesmo dos não indígenas, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). De modo que: “[...] Ao que tudo indica o processo de aprendizagem da leitura e da escrita dos Gavião, foi simultâneo, aprender a ler e escrever em português e a falar o português”. (p. 255). Posteriormente, quem aprendeu ensinou os demais que com os cursos de formação, e aos poucos foi se delineando os primeiros professores indígenas.

Para Monte *apud* Neves (2008, p. 3) a escrita era originalmente fruto do mundo não indígena, do outro, do desconhecido, já o oral complementar da sua linguagem própria, pessoal, mas por sua vez distanciada do contexto escolar. A carência do português oral no espaço escolar significa o silêncio e a ausência da escrita nas práticas sociais da língua indígena a folha branca algo que ainda está em construção.

No entanto, não devemos deixar as sociedades indígenas a mercê das formas de alfabetização que por sua vez não cumprem seus papéis, não dão o suporte necessário que as comunidades indígenas precisam na apropriação da escrita ou da cultura escrita. Escolas que ainda enxergam a alfabetização apenas como um desenvolvimento das habilidades da criança

usando a forma de memorização e repetição, e se esquecem de valorizar a grande riqueza dos povos indígenas que é sua cultura, com inúmeras línguas que dessa forma são deixadas de lado, e esse processo acaba por ser apenas uma reprodução (NEVES, 2009). No entanto essa alfabetização deve acontecer como um compartilhar de aprendizagem, um ambiente seja intercultural, que saiba valorizar e respeitar a cultura de cada povo.

Nessa mesma linha de raciocínio sobre Alfabetização Intercultural podemos destacar algumas experiências na perspectiva de alguns povos indígenas da Amazônia, como: Paiter Suruí, Gavião Ikolen, Arara Karo e Sateré - Mawé.

A experiência de Alfabetização Intercultural do Povo Paiter Suruí de acordo com Naraykopega Surui (2015) acontece a partir da utilização de vários recursos: o uso do alfabeto móvel, atividade com jogo de letras, realização de leitura tanto em grupo como individual. As crianças são convidadas a desenhar livremente.

Avalia também que as crianças aprendem de forma mais rápida quando iniciam a alfabetização na língua materna, ou seja, a Paiter Suruí e só depois trabalham a segunda língua, a portuguesa. A produção de atividades escritas na língua materna envolve a elaboração de conteúdos com desenho de artesanatos, animais e objetos da aldeia. Contam com a ajuda dos sabedores e sabedoras da comunidade para ampliar o conhecimento a respeito da história Paiter.

Os professores e professoras Paiter valorizam muito os conhecimentos compartilhados e vivenciados pelos mais velhos, pois assim os educandos e educandas aprendem as histórias de seu povo na sala de aula e aprendem a valorizar sua cultura no desenvolvimento de atividade no contexto escolar, atividades estas que envolvem os conhecimentos de seu convívio na aldeia como desenho de artesanatos produzidos na comunidade e de animais que ali vivem. Também utilizam o alfabeto móvel confeccionado por os próprios professores, onde fazem diversas atividades usando o mesmo, como o incentivo para que o estudante monte seu próprio nome ou dos demais colegas de sala.

Neves (2009) também nos traz as experiências de Alfabetização Intercultural do povo Gavião-Ikolen, seus estudos revelam que a alfabetização Gavião inicia-se exclusivamente na língua materna com a utilização de cartilhas feitas por os missionários, e nesse processo o desenvolvimento acontece envolvendo diversos recursos didáticos como, por exemplo: a utilização do alfabeto em letras soltas para a produção de palavras, onde na utilização desse recurso também se constrói o seu próprio nome e dos demais colegas de sala e também escritas na sua própria língua do povo Gavião.

A partir da identificação e reconhecimento das letras do alfabeto o aprendiz parte para o desenvolvimento de pequenos textos, em forma de listas de palavras que são usadas frequentemente pelos professores, pois estas são textos importantes para esta etapa do início da aprendizagem e fazem com que educando e educanda reflita sobre estas palavras. No que se refere à escrita, destacamos o tamanho das palavras, a presença dos acentos, número de letras existente na palavra e outras várias situações. Os processos práticos da utilização dos recursos bilíngues Gavião Ikolen se mostram presentes em recursos didáticos elaborados por docentes indígenas.

Também podemos observar como acontece o conhecimento de Alfabetização Intercultural Arara-Karo de acordo com Neves (2009), esse processo se inicia com o alfabeto na língua materna Tupi Rama Rama e após um período vai se intercalando a segunda língua que é o português, nessa etapa são utilizados vários recursos relacionados ao cotidiano do educando e educanda: as expressões de desenhos livres, desenhos para colorir, atividade de recortar e colar, desenhar sobre o que acontece ou presencia no dia-a-dia da aldeia, como os animais domesticados que ali vivem, também atividades que apresentem em forma de desenho os objetos que são produzidos para serem utilizados nos momentos festivos como roupas e artesanatos, com destaque para a cópia de listas de palavras na língua indígena.

De acordo com Lira, Weigel, Marreiro (2015) o processo de aquisição do conhecimento escrito do povo Sateré-Mawé se dá a partir do conhecimento já adquirido da língua materna, que é ensinado pelos pais e também pela comunidade, a partir daí é introduzido o conhecimento do contexto de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Os materiais utilizados em sala de aula pelo professor como suporte para fundamentos das práticas pedagógicas são as várias brincadeiras e jogos utilizados nesse processo para um melhor desenvolvimento do educando e educanda, materiais pedagógicos impressos como livros, dicionários, gramáticas, materiais concretos como material dourado, também o uso do ábaco e vários outros.

Há também os materiais produzidos pelos próprios professores Sateré - Mawé, que utilizam como recursos os conhecimentos próprios de sua cultura: “Eu produzo texto na minha língua sobre conceito de remédio, ou seja, ervas medicinais. Depois, trabalho com ortografia, estrutura das palavras, formação das palavras”, esses materiais desenvolvidos pelos professores e professoras é de grande importância para o povo Sateré-Mawé, pois os educadores e educadoras sabem desenvolver com linguagem apropriada para que haja entendimento dos educandos e educandas, pois para os professores e professoras deste povo “[...] os livros não

precisam ser comprados para ter valor”, pois quem realmente entende e percebe as dificuldades do educando e educanda em seu desenvolvimento é o educador e a educadora eles sim deve saber os procedimentos corretos para produzir matérias que atenda as demandas exigidas durante o processo de aquisição do conhecimento escrito.

Assim pode se perceber que no desenvolvimento do processo de alfabetização, etapa muito importante para o conhecimento de ensino e aprendizagem, os docentes indígenas buscam em seu trabalho tanto o povo Arara Karo, quanto Gavião Ikolen, os Paiter Suruí e os Sateré Mawé se preocupam em trazer para sala de aula os conhecimentos pré-estabelecido do educando e educanda, os ensinamentos e experiências vivenciadas fora do contexto escolar, pois é de grande importância que a educação tradicional e a educação escolar estejam sempre juntas, possibilitando uma educação específica e diferenciada, que atenda as necessidades exigidas para construção aquisição do conhecimento em contexto indígena.

Como podemos observar o trabalho intercultural na escola é de grande valia para os povos indígenas, pois sabem o valor da interculturalidade no dia-a-dia de cada um. Além de estarem em constante contato com outros povos indígenas e também com não indígenas, percebem a importância da relação entre as pessoas.

O conhecimento intercultural é importante para os povos indígenas, esta etapa de aprendizagem contribui muito para o seu desenvolvimento, onde o estudante tem o acesso às atividades tanto de leitura e escrita quanto o oral que é exclusivamente existente da sua cultura.

Este tópico fez uma abordagem sobre a alfabetização na perspectiva intercultural, demonstrando algumas experiências deste processo com alguns povos da Amazônica, e a importância deste ensino para esses povos que eram exclusivamente de tradição oral.

## **II - O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA NA ESCOLA INDÍGENA GAVIÃO-IKOLEN**

### **Breve histórico e o contexto do nosso povo Gavião- *Ikolen***<sup>3</sup>

O Povo Gavião se autodenomina *Ikolen*, pertence ao tronco linguístico Tupi, família Mondé. São originários do noroeste do Mato Grosso e a primeira referência sobre esta etnia data da década de 1940 e pouco se estudou sobre sua cultura ancestral. Harald Schults, citado

---

<sup>3</sup> Texto sistematizado pela professora orientadora Vanubia Sampaio dos Santos- DEINTER/JIPA/UNIR

por Mindlin (2001), refere o povo Gavião pela primeira vez, em 1957 quando passou por Rondônia.

Os *Ikolen* possui uma população de aproximadamente 523 pessoas, distribuem-se em seis aldeias, todas elas localizadas no interior da Terra Indígena Igarapé Lourdes, que compartilham juntamente com o povo Arara-Karo. São elas: Igarapé Lourdes, Ikolen, Cacoal, Nova Esperança, Castanheira e Ingazeira. Conheceram a evangelização missionária desde a década de 1940, e, apesar das modificações ocorridas entre eles, mantém viva a memória ancestral.

Estabeleceram contato em 1965 com os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB), que iniciaram seu trabalho de evangelização no Igarapé Lourdes. Em 1966 o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) chegou à região, iniciando o trabalho de (re) aldeamento e aproximação dos *Ikolen* e Karo que se encontravam dispersos nos seringais da região. Foi o primeiro passo para a criação da Terra Indígena Igarapé Lourdes (CARDOZO E JÚNIOR, 2012).

Os Gavião, atacados por outros grupos e por fazendeiros em seus territórios de origem, se transferiram para a área vizinha ocupada pelo povo Arara (atual T.I Igarapé Lourdes), instalaram-se na região da Serra da Providência, acabando por perder seu território original (PAULA, 2008). No processo de contato com a sociedade não indígena o povo começou a trabalhar para os seringueiros, em troca de ferramenta e roupa (SILVA, 2008).

A situação ficou mais crítica com o processo de abertura e inauguração da atual BR-364 (Cuiabá - Porto Velho) em 1961, que trouxe um grande número de colonos, um intenso fluxo migratório de pessoas que tinham somente o objetivo de devastar, desmatar a floresta e colonizar, ou seja, pôr em prática os programas e os projetos para o suposto processo de desenvolvimento da Amazônia.

Após sofrerem ataques dos índios Paiter-Suruí e Cinta-Larga e serem hostilizados por fazendeiros, os *Ikolen* foram para a atual área de ocupação, nas cabeceiras do Igarapé Lourdes. Pouco se sabe sobre sua história de contato do povo *Ikolen* e Karo com o não índio. Assim, como muitos outros grupos indígenas, eles sofreram os efeitos do avanço das frentes de expansão econômica sobre suas terras, na década de 1940, com o segundo ciclo da borracha, e a partir de 1970, a exploração madeireira, colonização e a atividade agropecuária (PAULA, 2008, p. 18).

Em todas essas relações, seja com os colonos, não indígenas, ou com outros povos nativos, “alternaram períodos de paz, casamentos interétnicos e inserção na economia regional com momentos de tensão e conflitos que, não raramente, terminaram em episódios sangrentos, dos quais as pessoas mais velhas conservam a memória”. Foi um período marcado por altos índices de mortalidade, com doenças e epidemias de gripe, sarampo, pneumonia e malária transmitida pelos não índios.

Eles conviveram por décadas na região, sempre mantendo territórios exclusivos de uso. Os Ikolen dominavam as cabeceiras e os altos cursos dos rios, ao passo que os Karo prevaleciam nos baixos cursos. Contudo, as relações dos Ikolen com os Karo alteraram-se significativamente quando eles passaram a concorrer e competir pelos novos recursos introduzidos, sobretudo, artigos industrializados por recursos oriundos das relações com a sociedade envolvente, por intermédio de seringalistas e outros regionais (PAULA, 2008, p. 18).

Houve grande mortandade entre os *Ikolen* em consequência do crescimento da exploração da borracha em 1950 e início da mineração na região em 1953. A partir desse período se aproximaram definitivamente dos não índios, passando a trabalhar periodicamente como seringueiros em troca de mantimentos. A presença dos não índios alterou significativamente as relações entre os *Ikolen* e os Karo, apesar de falarem línguas distintas, os Arara e Gavião já mantinham relações próximas, no baixo curso do Igarapé Lourdes, antes mesmo do contato com não índios.

Neves (2009), ao analisar o processo de colonização e os impactos sobre estas sociedades em Rondônia, diz que:

Atualmente os povos indígenas de Rondônia e mais especificamente, as etnias localizadas na T. I. Igarapé Lourdes, os Arara-Karo e os Gavião-Ikolen continuam suas lutas, persistem fazendo perguntas, talvez de outras ordens e procuram, sobretudo, compartilhar com o estado brasileiro, na condição de minoria étnica algumas importantes lições referentes ao tratamento com as diferenças. (NEVES, 2009, p. 25)

## **COMO ACONTECE A ALFABETIZAÇÃO NA MINHA VISÃO COMO PROFESSOR INDÍGENA GAVIÃO.**

O professor indígena Gavião no processo de alfabetização mostra para seus alunos o alfabeto, para conhecerem o início das palavras, nós professores indígenas sempre ensinamos os alunos através de alfabeto, fazemos leituras do alfabeto fixo e depois disso trabalhamos com a formação de palavras, pedimos para eles formarem nome de animais que eles conhecem. Eu escrevo as letras iniciais do nome do animal no quadro para eles, faço um exemplo de como formar e escrever, em seguida indago os alunos de qual seria a letra que a gente pode colocar no início de nome do ANTA, e assim eu trabalho a formação de palavras. Faço assim para ensinar na língua materna Gavião e no português também. A partir de sua experiência em ser alfabetizado, e entender a importância da escrita, relata como sempre teve interesse em compartilhar aos outros o que aprendeu, e que sempre teve o interesse na educação

**Língua materna:**Enekoj pazaena kunuja a panoj professor ehja maga, kunuja ah panoj professor ehj sá ena baala aluno ehj kaj tadjá ma i dje alfabeto kaj kinapoa.

Ené koj djá alfabeto tárá demi bápár maga buveéhj makóbá Poá, dje vemató àna mán na alfabeto máh áleá, èna máná alfabeto maga. Èna onéh mán pitér bómága dje pòh ehj ser kaj táma kóba ènateá.

Quadro kátétè bapára adjùhr kínav quadro píra maga gólóá, mèhv ve tigi quadro ka, baala mah alfabeto tigi mah ma tígi baala quadro ka poá, èpí màha pee ser kaj támakóba ènaté vê tigie tigi takaj ána mán tésaa àserpi avé xigka letra xigkavpi maser mapíníe kaj táma kóba (Claudinei Xirxirhav Gavião, Abril, 2016)

No tempo em que o Fernando Gavião e o Catarino Sebirop Gavião estavam como chefe das comunidades nas aldeia Igarapé Lourdes a comunidade firmaram uma parceria e construíram uma escola de tabua de cobertura de telha o piso era o próprio chão. Hoje ela está diferente, é a atual escola Xinepoabáh, que recebeu esse nome pelo o então professor Fernando Gavião, que significa braço pendurados. Isso foi no ano de 1960.

Assim que construí uma escola para as crianças indígenas estudarem na aldeia Igarapé Lourdes ai eu comecei estudar, foi no ano de 1987. Eu já estava com 10 anos de idade. A professora que lecionava era uma não indígena que se chamava Eli, no primeiro dia de aula ela deu meu caderno, borracha e um lápis. Passou o alfabeto no meu caderno para eu repetir escrevendo nas linhas abaixo, fazendo cópias, mas eu não conseguia copiar essa atividades, era

um problema pois era muito difícil pra mim. Alguns colegas na sala já sabiam escrever, eu ficava muito ansioso para aprender a escrever. A professora pedia para eu copiar a tarefa que estava na lousa para meu caderno, mas não conseguia escrever, a professora então me castigou, tinha que ficar de joelhos em cima da areia segurando o cabo da vassoura, esse castigo durava uns 3 minutos, era no cantinho da parede da escola. A professora ficou durante cinco anos lecionando na escola da aldeia, dando aula para as crianças indígenas, ensinava as matérias como português, ciências, matemática, História, Geografia, artes etc, conteúdos que aprendi um pouco com ela. Aprendia um pouco mais de leitura e escrita produzindo texto, desenhos na cartolina e desenvolvendo outras atividades juntamente com os estudantes que já tinha mais leitura.

Como percebe nesse meu relato enquanto professor indígena Gavião aprender a ler e escrever era um desafio maior, além da barreira linguística das dificuldades em ler e escrever em português, na qual não era a língua de instrução e comunicação entre os Gavião.

No entanto as dificuldades eram maiores neste sentido, pois éramos obrigados a aprender ler e escrever uma outra língua, neste caso o português. Evidenciando que o pouco que aprendeu na alfabetização na época foram as aulas com outros parentes indígenas que já haviam sido alfabetizado. A compreensão e apropriação da língua escrita torna-se mais compreensível quando o outro que ensina fala a mesma língua, ou seja, quando há possibilidades de diálogo entre os sujeitos, o que facilita a compreensão do código da escrita. Neste sentido podemos compreender que o processo de aprendizagem desse professor nessas condições estava impossibilitado de atender as expectativas da professora não indígena. Em outro momento sentia muita insegurança ao falar em público na língua portuguesa, na formação do Açaí, tinha muito medo, pois não sabia falar e não sabia escrever corretamente os textos exigidos:

[...] eu fico com medo de falar na hora de me apresentar em língua portuguesa, fico com medo para não errar algumas palavras. Esse é o primeiro passo, mas é minha dificuldade de escrever e ler a escrita de palavras no português<sup>4</sup>.

Neste sentido a formação contribuiu para o processo de escrita e leitura da língua, facilitando o processo de aquisição da língua escrita e de se expressar na língua. Assim as estratégias de ensino usadas por nós professores indígenas mostram a grande preocupação por

---

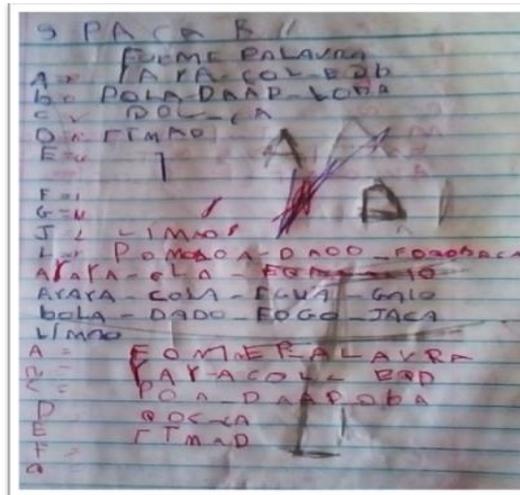
<sup>4</sup> Professor indígena Claudinei Gavião, em 15 de abril de 2016.

quanto ao desenvolvimento de seus educandos e educandas, pois sabemos o quanto a educação escolar é importante para nosso povo. Vale ressaltar que esse processo desenvolvido pelos professores indígenas com seus estudantes acontece mediante uma educação intercultural, onde os conhecimentos escolares ensinados por nós são baseados no cotidiano da aldeia, através das atividades escolares por meio da utilização do nome de animais, o que permitia aproximação com a realidade do nosso povo.

É possível observar que o processo de aquisição da leitura e escrita é uma etapa de grande importância no processo formativo. É o momento onde descobre a importância do estudo, para o enfrentamento dos problemas com mais segurança nos dias atuais, é uma fase de grandes descobertas para a criança, onde ela aprende com o professor e com ela mesma e se descobre a cada dia. Uma etapa onde cada dia de aula é importante, onde o aprender a pegar no lápis e escrever no seu caderno seu próprio nome é uma grande conquista e a cada folha escrita são construídas novas possibilidades.

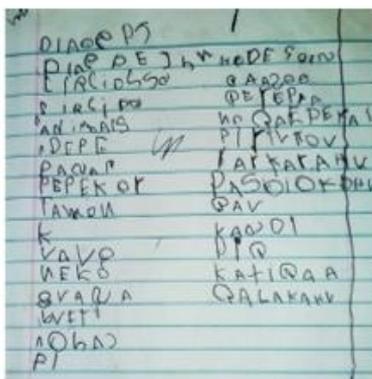
Nesse sentido, situamos os cadernos escolares, materiais importantes, fontes de informações e pesquisas, neles existem valiosas informações sobre costumes, modo de vida do estudante, rabiscos sobre como pensam determinadas coisas, enfim, revelam informações que muitas vezes passam despercebidas: “[...] os cadernos escolares constituem uma fonte valiosa na hora de conhecer e analisar de um modo bastante confiável tanto os processos de implantação e difusão mencionados como os de hibridação, adaptação, acomodação ou aceitação que costumam acompanhá-los” (VIÑAO, 2008, p. 16).

Foram analisados dois cadernos de estudantes indígenas pertencentes ao nosso povo Gavião-Ikolen. Foi possível observar que o processo de aquisição do conhecimento escrito na escola indígena, inicia com a apresentação do alfabeto, formação de palavras a partir das letras do alfabeto, com exercícios de produção de pequeno texto, exemplo de lista de palavras, nomes de animais e pessoas conforme evidencia a imagem do caderno a seguir:



Atividade de formar palavras com as iniciais do alfabeto.

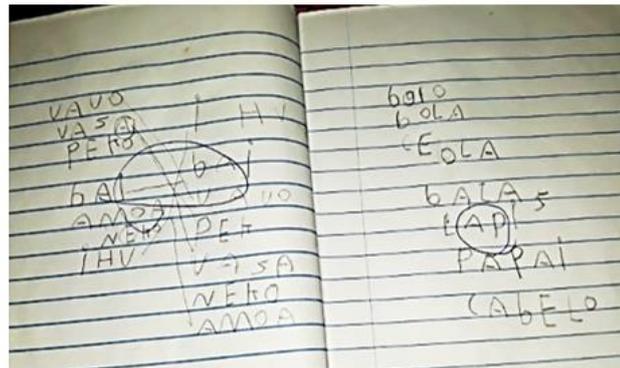
Arquivo: Claudinei Gavião, 2015



Produção de pequeno texto - lista com nomes dos animais e nomes de pessoas

Arquivo: Claudinei Gavião (2015).

A seguir nas imagens abaixo temos dois tipos de atividades de escrita, exemplo de atividades de ditado na língua materna Ikolen - relação de nomes de animais e na outra folha uma lista de palavras na língua portuguesa, como é possível ler na primeira imagem: bolo, bola cola, papai, cabelo, atividade muito semelhante também com a atividade das imagens anterior e posterior a essa.



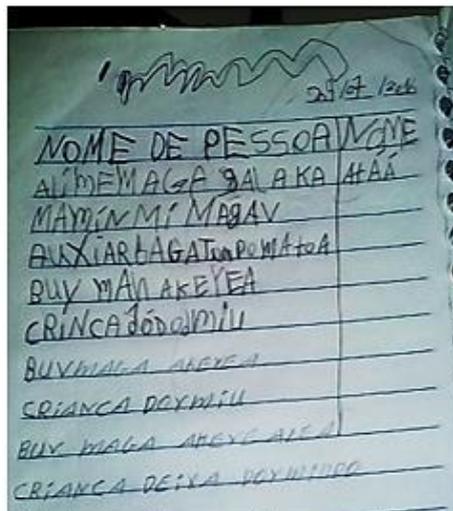
Atividade de formar palavras com as iniciais do alfabeto.

Arquivo: Claudinei Gavião, 2015

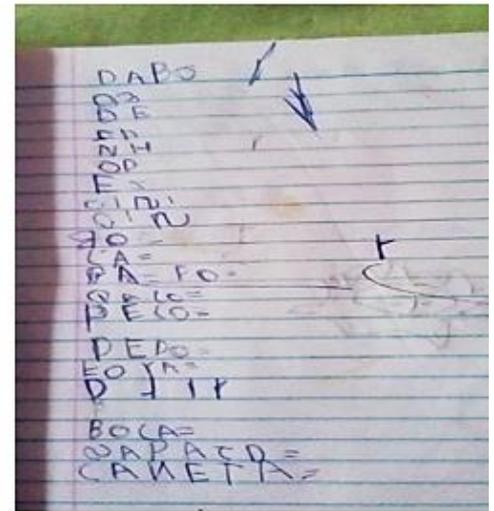
A seguir na imagem acima vemos o que seja uma atividade de ditado a criança ao escrever BOCA, SAPATO e CANETA no final da lista, verifica que apresenta as letras espelhadas (S, T, N, muito comum nessa etapa da alfabetização. No início da primeira imagem temos novamente a cópia das letras do alfabeto em português.



Imagem 1 e 2  
Atividades na duas línguas.  
Arquivo: Claudinei Gavião  
(2015).

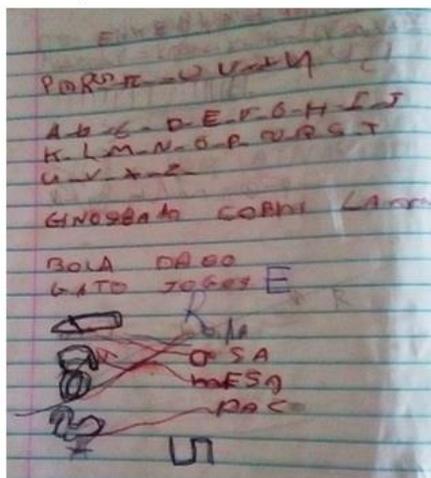


Ditado nas Língua materna e na língua portuguesa.  
Arquivo: Claudinei Gavião (2015).

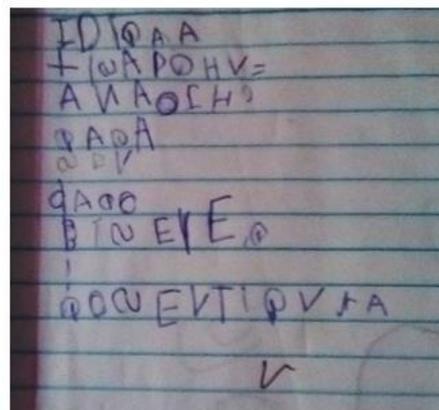


Atividade de caça-palavra na língua - atividade sistematização pelo professor Iram Gavião Arquivo: Claudinei Gavião (2015)

Os cadernos revelam que no decorrer do processo, o mesmo acontece com exercícios a partir da apresentação do alfabeto na língua portuguesa e uma sequência de atividades de lista de nomes em ordem alfabética ( BOLA, DADO, GATO, JOGO), atividade de ligar os nomes ao objeto ( PATO, MESA, LAPIS BOLA) também em língua Portuguesa, e ditado em língua materna Ikolen, conforme imagem do segundo caderno evidenciando escrita espontânea e com letras espelhadas:



**Cópia da sequência do alfabeto e ligar os nomes ao objeto em língua portuguesa.**  
Arquivo: Claudinei Gavião, 2015.



**Ditado na língua indígena Ikolen.**  
Arquivo: Claudinei Gavião, 2015.

As atividades de memorização (exceto os nomes das letras e a sequência do alfabeto) e cópia evidenciam um modelo de alfabetização empirista (WEISZ, 1998), onde muitas vezes o professor alfabetiza da forma em que o mesmo foi alfabetizado. A questão é que permanecer trabalhando desta forma pode significar uma negação à contemporaneidade em que vive esta criança. Além do mais, tal prática aponta para as necessidades de uma formação didática mais adequada que leve em conta as atuais pesquisas a respeito de como se aprende a ler e escrever, além de não considerar que os tempos são outros.

Em conversa com o professor Roberto Sorabah Gavião ele confirma a partir de sua fala como acontece essa alfabetização no contexto Ikolen compartilhando suas experiências como alfabetizador de crianças do 1ª ano e 2ª ano. Disse que no primeiro ano ensina com inicial das letras dos nomes, mostrando desenhos, inicial das letras dos nomes dos animais e dos alunos e pequenas historinhas. Já no segundo ano trabalho a formação de palavras e pequenos textos, frases pequenas e muita leitura. E somente no terceiro eu ensino os na língua portuguesa por

que eles já sabem escrever, ler texto, produzir as frases e formar palavras”. (Professor Indígena Roberto Sorabah Gavião, 2016)

EBÉRÉ PÒ ÈHJ SER KALA À TIGIV KÁÁ.

BE	BE	RO	TOV	_____
PÉ	BA	LIV	TA	_____
KÓ	Δ	XA	MA	_____
XO	ZΛ	TO	LÌ	_____

EBÉRÉ À PÒ PAGLEHJ ÁXO SÉR MÁGÁÁ.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

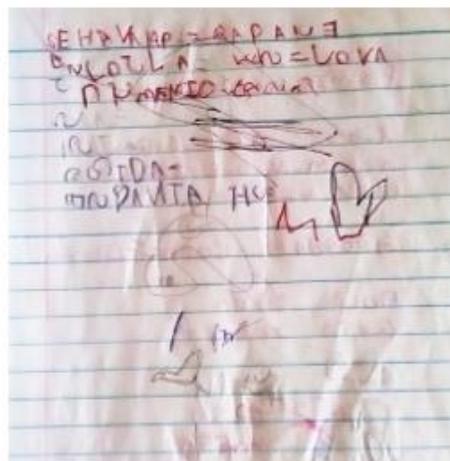
\_\_\_\_\_

**Formação de palavras com nomes dos animais.**

Arquivo: Claudinei Gavião (2015).

Muitas vezes professores ensinam como aprenderam, recorrendo a atividades como a caligrafia e o uso de cartilhas. Num certo sentido, é algo esperado. Para o professor não interessa a polêmica. Ele precisa ensinar e, para isso, recorre aos conhecimentos que possui e aos recursos que estão disponíveis.

Observa-se no caderno do estudante que os conhecimentos indígenas refletem o cotidiano da aldeia em seu processo de alfabetização, como podemos perceber na imagem a seguir:



Registros de escritas e desenhos espontâneos nos cadernos

Arquivo: Claudinei Gavião (2015).

A presença de desenhos de animais nas atividades escolares, refletem um cotidiano vivido pelas crianças na aldeia, algo que é visto no seu dia a dia e que é materializado nos cadernos escolares, explicitando que: “A floresta parece estar o tempo todo na escola e no papel. A autoria criadora do (a) pequeno (a) aprendiz indígena elabora uma lista muito especial, ilustrada com imagens conhecidas [...]” (NEVES, 2009, p. 281)

Do ponto de vista da aprendizagem, parece haver uma evidência de Alfabetização Intercultural na medida em que envolve o conhecimento de duas culturas apresentam elementos da realidade indígena como no caso da imagem acima em que há um grupo de animais que provavelmente a criança conhece, fazem parte do seu mundo.

Esse tipo de atividade é muito importante nesse processo, pois há a presença do cotidiano da criança na forma dos desenhos, o que não distancia a aprendizagem do conhecimento construído na prática social vivenciado no processo da educação indígena onde todos e todas aprendem e ensinam.

Os dados coletados e analisados mediante apreciação de dois cadernos das crianças Gavião Ikolen permitiram compreender que, o processo de aquisição da língua escrita na escola, acontece por meio de apresentação do alfabeto em Gavião ikolen, alfabeto também da língua portuguesa, vogais em português e na língua materna pequenos textos, formação de palavras, lista de nomes, exercícios feitos utilizando métodos de cópia e memorização. As atividades são sempre propostas e muitas dessas com a inserção de desenhos que envolvem o cotidiano da criança Gavião na comunidade. Os cadernos evidenciam que ocorre a Alfabetização Intercultural porque envolve o conhecimento de duas culturas (indígena e não indígena). Tanto a escrita e os conhecimentos do não indígena como também os conhecimentos e a língua do nosso povo Ikolen. Os registros escritos apresentam elementos da realidade indígena como evidenciou os cadernos das crianças onde há um grupo de animais que a criança conhece e também fazem parte do seu mundo. As crianças retratam o cotidiano e aquilo que estão vivenciando no contexto que está inserida e vão retratando a partir de desenhos e suas inscrições no papel com intuito de compreender as mundo, através de desenhos livres, produções de textos e atividades vivenciadas na comunidade indígena

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse trabalho, a intenção foi investigar a aquisição da língua escrita na escola indígena Gavião. Para alcançarmos nossos objetivos, foi realizada pesquisa documental e bibliográfica, porém as entrevistas com professores indígenas serão ainda discutidas nas pós-graduação (mestrado) próximo trabalho. Após coleta de dados, analisamos o material dando seguimento à pesquisa, com intuito de entender como acontece o processo de alfabetização de crianças indígenas, através da análise dos cadernos escolares.

Os resultados esperados parcialmente foram alcançados que em nossa avaliação permitiram compreender que o processo acontece vinculado à educação escolar, isso nos remete uma alfabetização intercultural, essa etapa acontece mediante há vários aspectos que retratam o cotidiano da comunidade indígena, através de desenhos livres, produções de textos e atividades na língua portuguesa e na língua indígena, são conhecimentos também vivenciados na comunidade indígena nos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.
- MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro, 2008.
- NEVES, J. G. **Cultura Escrita em Contextos Indígenas**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional). UNESP – Campus de Araraquara/SP, 2009.
- SURUÍ, N. **Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Campus de Ji-Paraná. Fundação Universidade Federal de Rondônia. Departamento de Educação Intercultural. (DEINTER). (2015).
- LIRA, M. J. de O; WEIGEL, V. A. C. de M; MARREIRO, T. L. da C. **Professores Sateré-Mawé e materiais pedagógicos na luta por uma educação específica e diferenciada**. 37ª Reunião Nacional da ANPEd, 2015, UFSC – Florianópolis.
- VIÑAO, A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. **Cadernos a vista: escola, memória e cultura escrita** (org). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. p. 15-32.
- WEISZ, T. Como se aprende a ler e escrever ou prontidão, um problema mal colocado, **Ciclo Básico**, Cenp/Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, 1998.

